

ISADORA

São muito belos os teatros que ficaram. O actor nasce e morre como toda a gente e essa é a sua glória. Exuberantes estão os loendros no caminho para o casebre. Na antiga Macedónia, Eurídice, a avó de Alexandre, o Magno, tinha um bonito trono e morreu. E Olímpia, a mãe de Alexandre, foi lapidada, diz-se, anos depois da morte do filho. É possível que o conquistador de trinta e poucos anos tenha morrido com uma generosa dose de loendro numa taça de vinho, na Babilónia, no palácio que foi de Nabucodonosor II. E quem viu trabalhar o génio de Hieronymus Bosch? Quem se deu conta do menino Sanichar de sete anos, nascido na Índia nos meados do século dezanove, que foi encontrado a viver com lobos numa caverna? Sentado no alpendre, não lhe entra bem na compreensão que os estilhaços na memória sejam de gente com quem não conviveu, do prodigioso guerreiro e da sua mãe e da sua avó, do pintor holandês ou do menino indiano. Podia ter sido o padeiro que entregava o pão na sua infância, o senhor Moisés, e que sempre dizia “pão é Deus, menino, pão é Deus”, a ronca do farol nos dias de nevoeiro, ou ainda, recentemente, a Carminda, a rapariga das flores, com as suas bochechas no tom das rosas. E ocorre-lhe: um actor morre e dele lembram-se do quê? Um pequeno gesto influenciando a luz? Uma fala reluzente de sabedoria escrita por outro? Um uivo evoluindo das entradas? E lembram-se por quantos dias, embora se diga que a lembrança é parente

do eterno? Melhor que seja esquecido. É a vida que vale, o misterioso sensível que não se diz, e é assunto e trabalho para a sala de ensaios. Desde que se revelem, todas as coisas se dissolvem sem que, talvez, se extingam, e assim é também o actor com a sua arte e consciência alojadas na misteriosa substância da cachimónia. Cola as mãos ao rosto, esfrega-o, e suspira. O desconhecido atormenta a sobrevivência com os seus fantasmas? Viajar ao mundo selvagem será para fantasiar mais, sobreviver melhor ou ser comido? Será o que for. O destino é que sabe. O invisível é campo magnético e não se dá à fala. Não se vê o jogo, joga-se. Não é doença, é o esquecer-se dos nomes e das coisas, até do sítio delas, fora e dentro da nebulosa que ainda o acompanha. Trocou o pensamento pela nebulosa. Não é o não lembrar-se, é o esquecer-se. Na cerimónia do despe e veste de quase todos os dias, o comediano gostaria que o entendessem preparando a camilha para mais tarde, incendiando-se quando tiver de ser com os louros de trazer por casa, tosco, sem epitáfio e, afinal, tão anónimo quanto um ninho de Fénix e para não mais ser lembrado, esquecido como faz a terra aos folhedos, aceitando-os inexoravelmente para renovadas danças da natureza. Por muito que haja aplauso, louvor e luxo, por muito que não haja nada disto, o actor vive entre felicidades menores porque a maior não se palpa nem se avista, mas talvez possa intuir-se em cena: sons, gestos, movimentos, falas são desde sempre íntima poalha de firmamento, e este, sim, a forja da ventura máxima, por grandeza impossível à vontade humana. Servidor de um inominável desígnio, o actor, que morre para viver no esquecimento, tem vocação para o amor universal. Dispõe-se a lidar a humanidade com as suas próprias forças

e fraquezas e bastas vezes como se viesse de fora, de uma outra natureza, mais capaz de trilhar as vias do destino a que estamos livremente condenados. Por um excesso de devoção ao que há de mais difícil — a prática da inteligência e das emoções em alma alheia e virtual — aceitamos que os seus apetites fora do teatro encontrem mais as carnes e menos a retórica. Raro, recolhido e procurado, e não importa se tem semelhança com uma trufa branca-rosada, o actor tem dias, e é esse que agora aqui se apresenta, próximo de ser esquecido, venerado nas suas qualidades de alguém que já não é o hipócrita desprezado fora dos pórticos dos tempos antigos que fingia no palco para sobreviver mal e porcamente fora dele, mas que não se dá conta de algum dia ter sido esse tartufo da chacota pública. Um actor, uma actriz, tem de andar de levante, no desassossego, atento, capaz de ser quase ao mesmo tempo a perdiz e o caçador. Como pode assacar-se a esta criatura, disponível e mascavada, uma vontade de poder se ele o que quer é mostrar as almas como elas vão, sendo o que são? Se vive empobrecido, há-de empobrecer mais. Então, encharca-se de boémia e goza o que pode. Mira-se no espelho da sala sem saber para quê e tem de curvar-se um pouco para ver a cabeça. Pode querer medir a elegância. Mirou-se vezes sem conto a polir a imagem nos camarins e mais quando as personagens lhe exigiam que transpirasse vaidade. Ele, nu, dentro do figurino, tinha de respeitar. Nunca foi muito pelos aparatos reflectidos. As imagens são o diabo. O espelho é um truque para enfeitar as rugas, de reluzir, e foi-lhe indiferente muitas vezes também. Se fosse actriz seria diferente? Teria havido sangue todos os meses durante estações seguidas. Sangue deitado fora, renovado, dá um

nervo maluco, diz que ajuda a pensar as origens e a ser melhor, e muitas outras gentilezas, maiores e menores, todas no magistério feminino. Condição difícil, nobre, mas difícil. A sua mãe teve uma vida difícil com guelra e sangue. Há três anos que deixou de fumar, mas se fosse actriz puxaria duma cigarrilha e fumaria. Quando vem a dor é uma tríade que lhe passa em murmurio nos lábios: entranas, confusão e mistério. Ninguém ouve, é ele consigo e com a dor. Tem dias, o actor que está no alpendre, sentado no cadeirão cor de camelo virado ao monte, as palavras já sem efeito. Não exige nada. Na adolescência fez desporto e agora cisma ninguém sabe com o quê. Fazem-lhe algumas vontades. É uma espécie de direito que conquistou depois de algumas teimosias. Fora isso, espalhados pelo casebre, tem livros e papeladas que lê sem responsabilidade. Aquele que deu sopro às personagens, entrega-se à compaixão do público que reconhece nele a condição de um pobre de espírito, arrumado entre cobertores, se estiver frio, ou exposto a uma ventoinha chinesa, se o aperto for de canícula. Desaparecer não depende dele, pelo menos para já. Convém saber. E tem dias. Esparramado na poltrona, olha a paisagem em frente como sabemos que um boi olharia um palácio. O que aflige não são as lembranças, encasteladas e prontas a desbobinar em avalanche, mas a memória, encravada que está, com os eixos em destrambe-lho. O tempo que vai não é lento nem veloz. Confinado, como está, deve realizar os gestos com cerimónia, repetidos por serem necessários, capazes, até por isso, de acenderem mais ou menos a compreensão dos universos ainda que haja ruídos além do que pode ver, ainda que o mundo possa pesar muito, dentro e fora dessa espécie de Éden murado onde

agora julga estar. Tem uma mão cheia de pinhões. Deram-lhos. Faz mais de uma hora que os tem na mão. Deita-os sobre o tampo de vidro da mesinha de verga e espera. São nacionais, oblongos, dos bons. Levanta-se. Uma, três nuvens. Coceira no nariz. O actor é, talvez, o mais genuíno e, eventualmente, digno representante daqueles poetas que nas épocas antigas diziam poemas ou, por eles, os que tinham uma memória mais livre para guardar e cantar os textos que tinham dentro muita vida vivida. Saber de cor não era apenas poder desfiar as narrativas ouvidas: mundo e humanidade viviam nas palavras ditas. As palavras faziam acontecer, e ainda hoje operam milagres, fazem rolar os sangues, mas é preciso dar atenção ao que se diz e como se diz. E também há os cantores e os dançarinos, e os dançarinos que falam, que cantam. Este actor, levantado do cadeirão de repouso junto aos pinhões com o olhar no monte, já não fala muito do que quer, vai falando. Esquece-se com frequência de tomar as pastilhas para se lembrar que tem de as tomar e acorda durante a noite com a sensação de lhe faltar qualquer coisa. Aproveita e solta as urinas. Olha os cantos trabalhados do espelho. Quer levá-lo, talvez para o quarto. A cercadura é lisa, de roseira. Acariciando, as suas mãos encantam-se ao toque, para cima e para baixo. Vai com o espelho para o quarto, encosta-o à parede, junto à cama. Sai. Senta-se no cadeirão. Pega num livro e o que lê são linhas rectas e curvas fazendo letras, um cortejo de letras. Demora-se a reler o título. Pousa o livro. Os lábios não mexem. Querem água, de secos. Levanta-se. Espreita o bule do chá. Deita a sobra na chávena. Bebe frio, um pequeno esgar, esqueceu-se de uma pontinha de mel. Vai para dizer e não diz. Era mel. Senta-se.

Quer qualquer coisa, levanta-se, senta-se. Vem música não sabe donde, tanto lhe faz. Pega no livro, olha o título, pousa o livro. Levanta-se. Vai buscar o chá. O bule está vazio. Olha para a chávena ao lado do livro. Senta-se. A chávena. Não interessa. Há fumo no monte, está a arder. Como não reparou antes? Devia ter notado o instante exacto do fogo. Os montes ardem e os bichos fogem, mas não passam ali. Ajusta mais ao pescoço a gola do casaco de lã. Levanta-se, confirma que não tem chá no bule. Abre o frigorífico, fecha-o. Ata uma fita de pano branco em volta da cabeça, cobrindo e apertando as orelhas. Pega numa pequenina maçã da fruteira em cima da mesa. Trinca-a. Senta-se no cadeirão e cospe as sementes para o ar. Tem sorte, não se lamenta. Se come feijão à bruta ou pão de centeio é que lhe vêm os gases e então queixa-se. E castanhas, no tempo delas porque fora do tempo delas não as come, e não as tem comido, anda leve, desenxofrado. Não sabe quem são os outros da comunidade, nem quantos. Não quer saber. Trocou o pensamento pela nebulosa. Então, pode entender-se com a melancolia.

em santificação — dirão alguns amigos a esfoliar o sério.

Por muito menos se veneram exploradores da crendeirice com a cruz de Cristo banhada a ouro saltaricando no peito.

está lá com ele — dizem os amigos dando notícia a outros.

Actor durante cinquenta e cinco anos. A cada obra realizada, um montinho de cinza. Alguém que o mumificasse e seria

misericórdia. Tanta alegria a dizimar o sombrio e ele ali passado. No ano seguinte ao adeus à cena, à última representação, jogou no martírio, quis perder-se, mas não conseguiu mais do que duas ou três tentativas para se viciar e trouxeram-no para onde está agora, seguro, confortável, bem acompanhado. Um reizinho, diz ele. O que todos notam é que tem dias em que está muito viçoso, lembra-se bem, fala com a fluência dos bons oradores, entretém-se a reviver episódios, a deixar boquiabertos os que suspeitavam da sua genica mental. Dias frescos sem humidade trazem-no mais capaz. Assobia ao passar a mão na barba esparsa e desalinhada, as abas do nariz bem abertas para potenciar o sopro musical. Vêm-lhe melodias conhecidas, outras que inventa, e dissonâncias, de que gosta mais. Gostaria de ter aprendido a tocar alaúde e passar boa parte dos dias metido na música. A doidice de ser actor impediu a investigação e a interpretação musicais, mas não o fez desistir do capricho e sibila modinhas e árias de óperas populares sobretudo nos dias frescos sem humidade. Continua a ser um patusco para os amigos. Há risotas quando alguns, poucos — a bem dizer, dois — vão visitá-lo e as conversas se tornam vagamente certas, vagamente orientadas, vagamente convenientes. O irmão, que ajudou a resgatá-lo, não consegue rir. Engenheiro de máquinas, não tem das suspeitas eficácia de diálogo do actor a mesma percepção descomprometida dos amigos. Num momento ou outro sorri apenas para não sair do círculo. O actor solta palavras e saltam avulsas, automaticamente dispostas a fazerem um caldo improvável de sentido. A queimada continua no monte, fogo rasteirinho a lamber alguma

casca de carvalho. Ele não pode pôr a cabeça no cepo por causa disso, mas é o que pensa e diz

cabeça no cepo

Sai do cadeirão para morder mais uma maçã. Tenta cortá-la depois com uma colher. A faca está mais distante e escondida numa gaveta. Repara que a lâmina reflecte brilhos. A colher é que dá para ver a sua imagem, invertida na concha. Em setenta anos nunca tinha visto a sua imagem numa colher. Chamam qualquer coisa a essa mancha de fogo rasteiro no monte. Procura a palavra.

que se lixe

O irmão vem almoçar com ele duas, três vezes por semana, às vezes quatro. Arroz de pato. Não é preciso fazer, aparece feito, um pouco deslavado, seco, mas pronto a comer. Guilherme, o irmão, dispõe os talheres sobre a mesa.

gostas, não gostas? — pergunta o irmão.

de quê?

do arroz

sim, fizeste?

não, foi a Mariana

é sempre ela

tu gostas

gosto, às vezes não, sempre pato
ela faz bem, é por isso, e tu gostas
gosto, ela faz outras coisas?
faz, mas tu fartas-te de pedir o arroz e ela faz
farto-me de pedir?
sim, da próxima vez queres que traga outra coisa?
o pato está bem, se dizes que gosto, está bem
da próxima vez trago arroz de salpicão, queres?
não, arroz de pato, a Mariana gosta de fazer
não é ela que gosta de fazer, és tu que dizes que gostas
de comer
eu digo?
dizes
está bem, por mim está bem, pêlos nas orelhas, é mau?
tu é que sabes, onde vais?, a fita na cabeça é para quê?,
estás numa de Jimi Hendrix?, kamikaze?
já te esqueceste de que joguei rugby?
O actor vai mudar o espelho, do quarto para a sala. Quer
fisgar as orelhas. Tira a fita. Não tem pêlos.

gostas dele aqui, é? — pergunta o irmão.

não

comemos?

pode ser, não sei se me apetece

tem de apetecer, gostas de arroz de pato

gosto, mas “não sei se me apetece” é diferente, pá

queres comer, ou arrumo as coisas?

podes arrumar

não queres comer?

quero, o arroz de pato costuma ser bom

está bom, a Mariana não veio, mas vem da próxima vez

quando é que te reformas?

daqui a dois anos, porquê?

O actor vai à mesinha e recolhe os pinhões.

não vais agora comer os pinhões

não

bebes um copo de vinho?

dois

Ampliado porque as vozes se calaram, ouve-se o som dos garfos e facas sobre a cerâmica dos pratos, distribuindo-se entre os grãos do cereal e os fiapos de pato. Cada um ouve para si o mastigar entre os maxilares, também amplificado. O actor vai para dizer, mas não diz. Nota que os dedos do seu irmão estão gretados com vincos subtils que dão à pele o aspecto de mãos de símio.

não são mãos de anéis

quê?

é um patusco, meu irmão, escusavas de ter vindo,
estou bem

não queres que venha almoçar contigo?

só te falta andar aí agarrado às árvores, vês como estou bem?, ainda sei falar

o meu problema não é se falas ou não, preciso é de saber se te sentes bem

a ideia não é morrer?, então, estou bem

não bebas mais, não me enchas o copo

começamos a morrer à nascença, vem depois a hora certa, os génios e uns poucos têm direito a um prazo de validade um nadinha mais alargado na memória dalgum pessoal por aí e depois ficamos todos no mesmo, todos

não enchas, não quero, deixa

Gustavo dá uma sonora palmada na mesa.

cuidado, Gu

sou implacável com as moscas

não gosto de vinho entornado

vieram-me dizer que isto agora vai ser diferente

diferente o quê?

isto

isto o quê?

esta coisa onde estou, isto

o casebre?

em vez do número passa a qualquer coisa, acho que
passa a nome

e o teu vai ser qual?

não disseram, devem estar a pensar, estes tipos, bebo
mais um e depois bato uma sorna, estou farto de gajos que
pensam demais, estou a pagar muito aqui?

não pagas quase nada, é pouco, é simbólico, posso com
a despesa, não te preocipes

simbólico, gosto das coisas que custam símbolos, mas
eu tenho algum cacau